

UMA PONTE ENTRE PESSOA E CLARICE BREVE ENSAIO SOBRE A PERCEPÇÃO, O VIRTUAL, E O REAL

Carla Rodrigues¹

É como se algo sempre já estivesse sendo dito, pensado e escrito quando Clarice Lispector começa o seu *Uma aprendizagem ou O Livro dos Prazeres* com uma vírgula. Este algo continuará sendo dito após o fim do livro, que termina no meio de um diálogo, num dois pontos sinalizador de continuidade. Com estes dois recursos – mas não apenas com eles, como veremos adiante –, a autora mostra que pretende dar conta, no seu texto, daquilo que se institui *durante* a escrita. Esta ideia de captura de um instante é uma das características que aproxima o livro de Clarice e a filosofia de Merleau-Ponty.

Por esse ponto de vista, o livro de Clarice tem a mesma qualidade que Merleau-Ponty exalta na obra de Cézanne – a capacidade de apreensão de um momento, a hesitação de quem capta o seu pensamento no mesmo instante em que o escreve. É a arte não como tradução do mundo, mas como instalação de um mundo. “A expressão não pode ser então a tradução de um pensamento já claro, pois que os pensamentos claros são os que já foram ditos em nós ou pelos outros. A ‘concepção’ não pode preceder a ‘execução’”, diz Merleau-Ponty (1980, página 120).

Um aprendizagem traz uma dupla valorização desse instante. A ideia é que a autora está, ao mesmo tempo, apreendendo e aprendendo. Esta apreensão do instante está clara numa narrativa marcada por um início num ponto qualquer e por um fim que não é, necessariamente, o fim da história, apenas o fim do seu discurso, ou o fim da sua capacidade, da sua possibilidade de narrar. O livro é também, desde o título, o anúncio de uma aprendizagem. É importante observar que este aprender se dá dentro do processo de apreender. Nessa sobreposição de *Uma aprendizagem*, Clarice se aproxima de Merleau-

¹ Jornalista, articulista da revista www.nominimo.com.br, pós-graduanda em Arte e Filosofia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

Ponty e faz um verdadeiro elogio à percepção. É este mesmo sentido de valorização da percepção que está presente na filosofia de Merleau-Ponty (1999, página 14):

O mundo é aquilo que nós percebemos. (...) O mundo não é aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo; eu estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável.

Esta qualidade de inesgotável Clarice transmite numa obra que narra a trajetória de uma mulher em busca de si mesma. O que Lóri, a personagem de Clarice, pretende é “tocar em si própria”. Mas antes, anuncia, “precisava tocar no mundo” (1998, página 57). É o que ela anuncia, por exemplo, na página 122, quando diz: “E Lóri continuou na sua busca do mundo”. Seguirá, a partir desse anúncio, uma descrição das frutas e legumes que a personagem encontra na feira – descrição que, de certa maneira, se iguala ao que Merleau-Ponty (1980, página 120) diz sobre o artista, se referindo aos quadros de Cézanne: “O artista é aquele que fixa e torna acessível aos mais ‘humanos’ dos homens o espetáculo de que participam sem perceber.” É o que Clarice faz ao demonstrar quanta beleza pode haver numa simples ida à feira, num gesto banal do cotidiano feminino como a escolha de peras, nabos, batatas e beterrabas.

Clarice fará no seu romance o que Merleau-Ponty descreve como sendo a função da literatura (1980, página 170): (...) “o leitor segue suas indicações e com ele vem a encontrar-se no centro virtual do escrito, *mesmo quando, um e outro, não o conhecem.*” O grifo do autor aponta para a mesma questão que está presente no livro de Clarice – o que *Uma aprendizagem* diz é que a escritora não conhece o que dali será aprendido, que está, ela também, como o leitor, seguindo os passos de sua personagem para descobrir um porto de chegada. Clarice dá conta apenas de um vazio – que está localizado na personagem e, ao mesmo tempo, na escritora – motivador da obra. É a valorização deste vazio que faz a beleza do livro. É a valorização deste vazio que Chauí (2002, página 153) vai identificar no pensamento de Merleau-Ponty, quando diz:

O que torna possível a experiência criadora é a existência de uma falta ou de uma lacuna a serem preenchidas, sentidas pelo sujeito como intenção de

significar alguma coisa muito precisa e determinada, que faz do trabalho para realizar a intenção significativa o próprio caminho para preencher seu vazio e determinar sua indeterminação, levando à expressão o que ainda e nunca havia sido expresso. Há uma intenção significativa que é, simultaneamente, um vazio a ser preenchido e um vazio determinado que solicita o querer-poder do agente, suscitando sua ação significadora a partir do que se encontra disponível na cultura como falta e excesso que exigem o surgimento de um sentido novo.

Este “levar a expressão o que ainda e nunca havia sido expresso” pode ser identificado, por exemplo, quase na metade da narrativa de *Uma aprendizagem*, quando Lóri anuncia: “Um dia será o mundo com sua impersonalidade soberba versus a minha extrema individualidade de pessoa mas seremos um só.” (1998, página 73). Nos olhos de seu interlocutor, Lóri percebe a surpresa com o que proclama. Ela própria está espantada. Faz-se ali uma descoberta, que Clarice vai anunciar assim (1998, página 73):

Então isso era a felicidade. De início se sentiu vazia. Depois seus olhos ficaram úmidos: era felicidade, mas como sou mortal, como o amor pelo mundo me transcende. O amor pela vida mortal a assassinava docemente, aos poucos. E o que é que eu faço? Que faço da felicidade? Que faço desta paz estranha e aguda, que já está começando a me doer como uma angústia, como um grande silêncio de espaços? A quem dou minha felicidade, que já está começando a me rasgar um pouco e me assusta. Não, não quero ser feliz. Prefiro a mediocridade. Ah, milhares de pessoas não têm coragem de pelo menos prolongar-se um pouco mais nessa coisa desconhecida que é sentir-se feliz e preferem a mediocridade. Ela se despediu de Ulisses correndo: ele era o perigo.

Lóri, a personagem de Clarice, nesta passagem de descoberta de felicidade, revela e é revelada. É ativa naquilo que anuncia, é passiva daquilo que apreende no instante em que anuncia. Chauí (2002, página 155) chama atenção para o quanto Merleau-Ponty valoriza este aspecto duplo da arte: “o invisível permite o trabalho de criação do visível, o indizível,

o do dizível, e o impensável, o do pensável.” Esta ideia de que em tudo que *é* está contido também aquilo que *não é* está definida por Chauí (2002, página 164) quando ela pergunta: “O que é a experiência da linguagem? É o ato de dizer como advento simultâneo do dizente e do dizível, graças ao silêncio que misteriosamente os sustenta.”

A Lóri de Clarice só pode perceber a felicidade porque também pode perceber a sua ausência. Aquilo que se aprende e que se apreende no livro de Clarice só pode vir à tona durante um discurso narrativo em que personagem e leitor se percebem dentro do instante em que algo se manifesta. Nesse sentido, a valorização da percepção é também a valorização do instante, da captura de algo que se dá num determinado momento, singular, único.

De certa forma, é o que se encontra, também, no ciberespaço, onde o que impera é o instantâneo, o imediato, o fragmentado (Rodrigues, 2003, página 60). O sujeito pós-moderno é o que está impactado pela *destemporalização* e pela *desterritorialização* (Castells, 1999, página 26). Essa ideia de que o tempo é um eterno presente se aproxima da ideia de que tudo pode estar contido num instante. É o que afirma, por exemplo, o pensador francês Jean Baudrillard²:

Todo acontecimento é sempre crível em tempo real. Um acontecimento não é mais verdadeiro ou falso. (...) A realidade sucumbiu à simulação e ao artifício.

Quando usa a expressão “tempo real”, Baudrillard faz uma crítica à presentificação produzida pelo mundo virtual, à ideia de que tudo é num instante. Mas também poderemos dizer, já sem a mesma conotação crítica de Baudrillard, que é no instante que está a possibilidade de apreensão de uma certa verdade. De um certo real. Merleau-Ponty diz que o “mundo é aquilo que percebemos”. Se é assim, estaríamos, pela via da percepção, livres da divisão entre o que é real e o que é virtual? O que se vai explorar, a partir de agora,

² Conferência proferida na Universidade Cândido Mendes, na sessão de abertura do seminário “Subjetividade digital – o eu em rede”, no Rio de Janeiro, em 20 de Maio de 03. Tradução livre.

nesse texto, é a concepção de virtual que vigora desde de Platão e trata do virtual como o “enganador”.

Notemos que Platão faz a distinção entre três espécies de camas: uma que existe na natureza das coisas e que foi criada por Deus, uma que é obra do marceneiro, e uma terceira cama, a do pintor. A de Deus é a cama real, o artesão que fabrica o objeto cama é o artífice, aquele que é capaz de reproduzir a cama divina numa cama particular, que tem uso. E a cama do artista, o que é? Platão define a cama do artista como imitação. Por isso, na República, a cidade ideal de Platão, não haveria artistas, seres produtores de “imitação do real”. Esta qualidade de imitador é o que Sócrates afirma nesta explicação: “Há três artes que correspondem a cada objeto: a do uso, a da fabricação e a da imitação.”

Se a cama do artista é apenas a imagem de uma cama, o que Platão questiona é até que ponto se deve confiar numa imagem como representação do real. Ao banir a arte, Platão condena a imitação de cama do artista justamente porque ela seria enganosa, falsearia a cama real criada por Deus e a cama-objeto criada pelo artesão. É no livro X que a crítica à imitação endurece, como observa Jimenez (1999, página 205):

Até então, a imitação tinha um sentido bastante vago e geral. Ela extraía sua significação na arte do mimo, do simulador. A arte do simulador consiste em produzir aparências enganosas, simulacros que desviam a atenção tanto da realidade concreta quanto das essências que são, de fato, a única realidade.

Jimenez identifica no exemplo da cama de Platão a mais alta desqualificação do artista, quando afirma: “Imitação de uma imitação, a pintura é assim a forma mais degradada da mimese, cópia da verdade em ‘terceiro grau’, ela é aparência, até mesmo a fraude menos admissível que possa existir.” Para enfatizar esta relação entre “ilusão de cama” e “cama virtual”, o texto recorre a explicação de Levy (1996, pág. 15) sobre o virtual ³:

No uso corrente, a palavra virtual é empregada com frequência para significar a pura e simples ausência de existência, a “realidade” supondo uma efetuação material, uma presença tangível. O real seria da ordem do “tenho”, enquanto o virtual seria da ordem do “terás”, ou da ilusão.

É esta “ilusão” que Platão pretende banir da cidade ideal. Este banimento do virtual como símbolo do ilusório está presente também, de maneira veemente, em Baudrillard, quando ele proclama a morte do real e a compara ao anúncio que Nietzsche faz da morte de Deus. Para Baudrillard (2001, página 67), “o Real não está apenas morto (como Deus está); ele pura e simplesmente desapareceu.” E quais são os riscos de abandonar o real? O temor platônico pela ilusão e pela imitação está presente nos críticos do virtual. Persiste a ideia de que o virtual é enganador e que só o real é o divino.

Mas se considerarmos o que diz Merleau-Ponty, que o mundo é o que percebemos dele, qual é o valor desta condenação ao virtual, como algo que nos afasta, maleficamente, do real? No poema de Pessoa, a questão da lealdade ao Real inquieta o poeta:

*“Estou hoje dividido entre a lealdade que devo
À Tabacaria do outro lado da rua, como coisa real por fora,
E à sensação de que tudo é sonho, como coisa real por dentro.”*

O que o texto mostra é um poeta dividido entre o que é real para ele (o sonho, a “coisa real por dentro”) e o que é considerado real (a Tabacaria, a “coisa real por fora”). Pessoa se afirma devedor de uma lealdade à “coisa real por fora”. Longe de ser uma questão exclusiva para o poeta, o que a sociedade contemporânea discute é este dever de lealdade ao Real. Os ardorosos críticos do virtual – e os não menos ardorosos defensores do real – desqualificam “tudo que é sonho, como coisa real por dentro”. Por que destituir de valor “à coisa real por fora”, como a Tabacaria de Pessoa, em detrimento da “coisa real por dentro”? Até que ponto o primado da objetividade pode, de fato, nos livrar da angústia que tão bem expressa o poeta? Aqui, novamente, há o dizível e o indizível, há o que se mostra

³ O exemplo da cama de Platão para explicação do conceito de virtual aparece em muitos autores. Por exemplo, *Cyberespace*, de Vitor Vatanza, é um dos livros que recorre ao filósofo para definir ciberespaço

(a Tabacaria) e o que se oculta (o sonho). Há, como já nos mostrou Chauí (2002, página 153) “uma falta ou uma lacuna a serem preenchidas, sentidas pelo sujeito como intenção de significar alguma coisa muito precisa e determinada.”

Pessoa se mostra angustiado nesta divisão entre o “real por fora” e o “real por dentro.” O poeta hesita. É, como já vimos no início desse artigo, a hesitação de quem capta o seu pensamento no mesmo instante em que o escreve. Como é a partir hesitações que Clarice Lispector constrói o seu texto. É também a hesitação que Merleau-Ponty quer valorizar quando contradiz Descartes e diz: “Penso, logo hesito”. É na hesitação, na percepção de que é no instante em que o poeta de vê dividido entre “a coisa real por dentro” e a “coisa real por fora” que está a poesia, que está a possibilidade de apreensão de algo que angustia, que se anuncia, que se apreende. Mas também de algo que é real, pelo menos para o poeta, naquele instante.

Essa arriscada ponte entre Pessoa e Clarice foi construída com o objetivo de perguntar: e se a valorização percepção abrir a possibilidade de construção de reais? Esse texto foi escrito com a perspectiva de apenas apontar para essa questão, e por isso correu o risco de estabelecer pontes, também, entre Merleau-Ponty, Baudrillard e Platão. Todos esses riscos terão valido a pena se, a partir dessas pontes e dessas conexões, se possa começar a perguntar: afinal, se “tudo é sonho”, se o mundo é aquilo que eu percebo, se há inúmeras verdades em cada instante em que aprendo e apreendo, valorizar essa hesitação dos poetas pode ser o começo da libertação, enfim, da angústia da exigência de lealdade ao real.

como imitação (simulação) do real.

Bibliografia

- BAUDRIILLARD, Jean. A ilusão vital – Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001
- CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede – a era da informação: economia, sociedade e cultura;
v. 1 São Paulo, Paz e Terra, 1999
- CHAUI, Marilena. Experiência do pensamento. São Paulo, Martins Fontes, 2002
- JIMENEZ, Marc. O que é estética? – São Leopoldo, RS, Ed. Unisinos, 1999
- LEVY, Pierre. O que é o virtual? – São Paulo, Ed. 34, 1996
- LISPECTOR, Clarice. Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres. Rio de Janeiro, Rocco, 1998
- MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. São Paulo, Martins Fontes, 1999
- _____, Maurice: A dúvida de Cézanne in Os Pensadores. São Paulo, Abril Cultural, 1980
- _____, Maurice: A linguagem indireta e as vozes do silêncio in Os Pensadores. São Paulo, Abril Cultural, 1980
- _____, Marcel. O visível e o invisível. São Paulo, Editora Perspectiva, 2ª edição, 1984
- PESSOA, Fernando. Tabacaria, in A Tabacaria e outros poemas – Rio de Janeiro, Ediouro, 1996
- PLATÃO. A República – São Paulo, Editora Nova Cultural, 2000
- RODRIGUES, Carla: Pós-modernos no ciberespaço – seriam os novos apocalípticos desintegrados? in Alceu, v. 3, n.6, jan/jun 2003. Rio de Janeiro, PUC, 2003
- VITANZA, Vitor. Ciberespaço – EUA, Allyn & Bacon, 1999